

Na gaiola e na moral: as personagens femininas na ficção de Graciliano Ramos  
Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira  
Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura  
Universidade Federal Fluminense (Niterói/RJ)

RESUMO:

Este artigo pretende analisar as personagens femininas dos romances São Bernardo (1934), Angústia (1936) e do livro de memórias, Infância (1945), de Graciliano Ramos, abordando o fato de que essas figuras, constroem-se como mulheres de forte personalidade, atuam como mediadoras na releitura de mundo \_ não obstante a aparente fragilidade que apresentam - em seus relacionamentos com os personagens masculinos que as cercam.

Palavras-chave: Personagens femininas – releitura de mundo – Graciliano Ramos

Graciliano Ramos que, para parte da crítica, é um escritor isolado (“inclassificável”) dentro do cenário do Romance de Trinta<sup>1</sup>, constrói suas personagens femininas de modo muito peculiar.

A personagem Madalena (São Bernardo, 1934), professora primária que se casa com Paulo Honório, que de repente decide casar-se somente com a finalidade de ter um herdeiro para as terras da fazenda, é construída como uma mulher culta, de aparente fragilidade, mas que possui dentro de si a força da solidariedade, dos valores humanos essenciais.

Philippe Ariès, em Sexualidades ocidentais<sup>2</sup> (1987), sobre a complexidade do modelo ocidental de união entre duas pessoas (casamento), afirma que, nas culturas grega e judaica, são duas as razões do casamento: a procriação (isso de algum modo, pode justificar a reverência a essa mulher) e o amor. A mulher perfeita, no Antigo Testamento, é também, além de procriadora, a que dirige a empresa doméstica.

1

BULHÕES, Marcelo M. Literatura em campo minado – a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária .1a edição. São Paulo: Annablume:FAPESP, 1999, p. 160.

2

ARIÈS, Philippe. Sexualidades ocidentais. 3a edição. Trad.: Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.154-157.

A visão de mundo, juntamente com a ternura e a sensibilidade de Madalena

abalaram profundamente o universo tosco e egoísta do patriarca, trazendo para o meio em que imperava, valores e sentimentos estranhos ao marido. Homem rude, de personalidade enérgica, complexa e dominadora (um “Fausto rústico”), que domina tudo e todos que encontra em seu caminho, com uma vontade onipotente, Paulo Honório foi desafiado pela fragilidade da mulher. Ela representava uma possibilidade concreta de uma vida melhor e mais humana para quem morava e trabalhava na fazenda São Bernardo e, evidentemente também para Paulo Honório, criatura aparentemente inabalável, assim como a força de um sistema econômico que adentrava uma das regiões mais pobres de um país periférico. Desse modo, temos um dos diálogos conflitantes entre o fazendeiro e a esposa:

“\_ Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?

\_ Ah! Sim! Por causa do Marciano. Pensei que era coisa séria. Assustou-me. Naquele momento não supus que um caso tão insignificante pudesse provocar desavenças entre pessoas razoáveis.

\_ Bater assim num homem! Que horror!

.....  
\_ Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água.

Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada.

E Marciano não é propriamente um homem” 3grifo nosso

A visão humanitária e a delicadeza de Madalena constituem-se como séria ameaça ao poder do patriarca. O que, para o senso comum, seria o “lado fraco”, a fragilidade, o cristal que quebraria com tanta facilidade, tornou-se uma enorme força que abala as estruturas do poder, a soberania de alguém que reinava absoluto.

3

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 22a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1974, p. 142.

Madalena não se encaixa nesse sistema bruto, ela o questiona duramente, consegue infringi-lo a ponto de se tornar presença constante na vida de Paulo Honório durante anos, mesmo após ter dado cabo da própria vida.

“(...) para ela [Madalena] uma vida verdadeiramente humanitária se confunde com a superação do egoísmo na superação do egoísmo na realização da fraternidade autêntica (...) seu profundo humanismo chega a implicar, ainda que abstratamente, a aceitação do socialismo. (...) Paulo Honório não compreende e não se integra com Madalena.” 4

Transportando-nos para *Vidas secas* (1936), a personagem Sinha Vitória, cuja vida desenrola-se no sertão do Nordeste, leva uma vida nômade, junto com o marido Fabiano, os filhos (menino mais novo e menino mais velho, ambos parecem na narrativa sem um nome determinado), a cachorra Baleia e o papagaio. A seca era a razão pela qual essa família não tinha pouso certo. Essa mulher e sua família trilharam os caminhos da caatinga, perseguidas pela fome e pela miséria, comeram raiz de imbu e semente de mucumã. Crianças enganchadas no quadril e trouxa na cabeça. Infelizes \_ palavra utilizada pelo narrador no primeiro capítulo do romance \_ empurrados pela seca, andaram de lá para cá como judeus errantes.

Sinha Vitória, uma retirante que cuidava dos filhos, é uma mulher forte, o esteio da família, segura as rédeas na hora de partir e na hora de ficar, é aquela que indica com um simples gesto o caminho por onde a família deveria seguir. “Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção (...)” 5 Mesmo com toda a dor e toda a miséria, ainda possui um imaginário povoado de sonhos, imagens, fantasias. Prossegue em sua vida nômade com a família e os animais, ainda que a mudança de espaço físico não conduzisse ao “Eldorado” tão desejado. Com suas andanças, teve a vida atravessada pelos espectros da

4

COUTINHO, Carlos Néson . Graciliano Ramos. In BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. São Paulo:

Civilização Brasileira, 1965, p. 87.

5

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 83a edição. São Paulo: Record, 2001, p. 10.

seca \_ rios vazios, na caatinga; as folhas secas caídas, os currais abandonados pelo gado e o céu sem nuvens que prenunciava o prolongar da seca.

Essa vida perpassada pela fome, pela falta de água, pela ausência de um pedaço de terra para plantar, por humilhações e agonia, ainda trazia dentro de si a atitude corajosa de cultivar sonhos que se mostravam impossíveis de serem concretizados. Sinha Vitória desejava dormir numa cama de varas com lastro de couro, como a de Seu Tomás da Bolandeira, onde pudesse repousar seu corpo cansado de lutar. O outro sonho era uma esperança de que um dia chegassem a um lugar melhor, de que seus filhos poderiam ter, um dia, uma vida diferente daquela que ela e o marido levavam, uma existência mais digna em que os meninos pudessem freqüentar a escola. Portanto, sonhar servia de alento em meio ao rosário de misérias dessa mulher. Sonhar com a cidade grande, onde deixaria para trás a seca e a exploração. O marido só descobre que é vítima de exploração do patrão, quando Sinha Vitória faz as contas. Fabiano estava sendo roubado pelo “amo” ou “branco”. Era

assim que se referia ao patrão, fazendo a narrativa nesse ponto uma clara alusão ao tempo da escravidão, à relação entre senhor e escravo.

“Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que ele era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia erro no papel do branco. Não se descobriu o erro e Fabiano perdeu os estribos. (...) Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar a carta de alforria!”<sup>6</sup>

Inconformada com o mundo agreste e na tentativa de amenizar os sofrimentos impostos pela dura realidade, apegava-se às boas recordações. Com isso, buscava superar os agravos da situação presente. “(...) queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão.”<sup>7</sup> A força

6

IDEM, p. 93

7

IDEM, p. 11

dos sonhos e dos desejos impulsionava a vida de Sinhá Vitória. O marido Fabiano, entretanto, não conseguia ordenar os pensamentos. Para não se entregar ao desespero, ausculta o possível, nas palavras de sinhá Vitória. “As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no, iriam para adiante, alcançariam uma terra desconhecida.”<sup>8</sup>

Atentemos também para a questão da onomástica: Fabiano significa “favo”, “alimento”; Vitória, “opulência”. Até mesmo o nome da cachorra, Baleia, um animal esquelético e faminto, evoca um animal de grandes proporções.

Sinhá Vitória (= opulência), através da palavra \_ ainda que insipiente \_ proporciona a Fabiano (= favo) um novo sentido para a vida, para que ele não desanime definitivamente diante de uma situação que parecia irreversível. Desse modo, Sinhá Vitória ganha a admiração de Fabiano, por meio do imaginário que a palavra da mulher libera. Ela é capaz de associações e arranjos que desnorream Fabiano, por exemplo, quando ela utiliza a cuia para proteger o menino mais velho do sol.

“Sinhá Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada [de Fabiano] e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. Fabiano retomou o carregamento. Sinhá Vitória desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a cuia e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rodilha de molambos. Em cima pôs uma trouxa. Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. Sim senhor. Que mulher! Assim ele ficaria com a carga aliviada e o pequeno teria um guarda-sol.”<sup>9</sup> grifo nosso

No penúltimo capítulo da narrativa, “O mundo coberto de penas”, mais uma vez é a palavra da mulher que faz com que Fabiano tome consciência de que é hora de abandonar o lugar onde estão e prosseguir adiante.

8

IDEM, p. 126

9

IDEM, p.125

“Aqui as idéias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se com arribações, que não se distinguiam da seca. Ele, a mulher e os dois meninos seriam comidos. Sinhá Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la.”<sup>10</sup> grifo nosso

E mais adiante, no último capítulo, “Fuga”, diante da paisagem árida, quando a família encontrava-se tomada pelo mais profundo desânimo, é Sinha Vitória quem dá alento ao marido.

“Sinha Vitória procurou com a vista o rosário de contas brancas e azuis arrumado entre os peitos, mas, com o movimento que fez, o baú de folha pintada ia caindo. Aprumou-se e endireitou o baú, remexeu os beiços numa oração. Deus Nosso Senhor protegeria os inocentes. Sinha Vitória fraquejou, uma ternura imensa encheu-lhe o coração. Reanimou-se, tentou libertar-se dos pensamentos tristes e conversar com o marido por monossílabos. Apesar de ter boa ponta de língua, sentia um aperto na garganta e não poderia explicar-se (...) A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem vento, progredia num silêncio de morte (...) Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte (...) Chegou-se a Fabiano, amparou-o e amparou-se (...) Falou no passado,

10

IDEM, p. 114.

confundiu-o com o futuro. Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?”<sup>11</sup> (IDEM: p. 119)

Lourival Holanda sintetiza bem, a nosso ver, o que Sinha Vitória representa para aquela família: um fio de esperança que ainda perdura.

“A ilusão se funde no mesmo horizonte da esperança. Faz da cama miragem que põe a caminhar a caravana. Nenhum caminho leva a caravana a alcançar sua miragem \_ mas essa miragem é que a põe em marcha, imagem mesmo do desejo que move o mundo.”<sup>12</sup>

Chegamos agora às personagens femininas de *Infância* (1945). São muitas, inclusive a mãe do narrador, assim caracterizada: “ (...) senhora enfezada, agressiva, ranzinza, (...) boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura” (RAMOS: 1993, p. 13). D. Maria, a mãe do narrador, não tinha instrução apurada, mas, mesmo com muita dificuldade, lia romances. E é justamente aí que o menino encontraria um dos maiores obstáculos de sua infância: penetrar no universo das letras.

Entretanto, nesse trabalho, nos deteremos em três personagens femininas desse livro de memórias de Graciliano Ramos: Mocinha, a “irmã natural”, D. Maria, a professora e Emília, a prima do narrador. O papel dessas mulheres foi fundamental na vida do menino rude, que chegou até a sentir verdadeiro pavor do ato de ler no decorrer de sua meninice, até que chegasse a dominar ou “amansar” as letras.

A narrativa de *Infância* mostra-nos como o narrador aprendeu com o pai as primeiras cinco letras do alfabeto à custa de lágrimas, sofrimento, tendo como “resultado”, as mãos inchadas e vermelhas de tanto apanhar. O pai prontificou-se a alfabetizá-lo,

11

IDEM, p. 119

12

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 54. quando notou que o menino via com olhos curiosos as cartilhas de alfabetização que havia em sua loja.

“Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitada por três faixas verticais (...) Meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e

assustou-me”<sup>13</sup>

Afinal, o pai do narrador desistiu de ensinar-lhe as primeiras letras e passou essa tarefa à Mocinha, a “irmã natural” do menino. A experiência da aprendizagem com o pai foi traumática devido aos maus tratos, à impaciência e o rigor. Isso marcou profundamente a sua vida. “(...) meu pai desesperou de instruir-me, revelou tristeza por haver gerado um maluco e deixou-me. Respirei, meti-me na soletração guiado por Mocinha”(IDEM: p. 99)

Mocinha é a primeira mulher que aparece na narrativa, como iniciadora do processo de alfabetização do narrador. Não era uma professora com formação profissional, entretanto, não apresentava timidez alguma ao conduzir o irmão na leitura de cartas. Sua relação com o menino é de ternura e proteção, gesto que se concretizava quando ela e a mãe do narrador o protegiam da violência do pai. “Minha mãe e minha irmã natural me protegeram: arredaram-me da loja e, na prensa do copiar, forneceram-me as noções indispensáveis”<sup>14</sup>

Mocinha, tal qual a mãe do narrador, não tinha grande habilidade com a leitura, porém, realizando um trabalho que era quase soletração, conseguiu fazer com que ele “amansasse” as letras e também com que já “mastigasse” frases de efeito moral:

13

RAMOS, Graciliano. Infância. 28a edição. São Paulo: Record, 1993, p. 96.

14

IDEM, p.97.

“A preguiça é a chave da pobreza \_ Quem não ouve conselhos, raras vezes acerta. \_ Fala pouco e bem : ter-te-ão por alguém. Esse Terteão para mim era um homem (...)  
\_ Mocinha, quem é esse Terteão? (...) Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão.”<sup>15</sup>

No decorrer da narrativa, o narrador dá-nos pistas que nos levam a pensar que já havia um desejo de autonomia, por parte de algumas mulheres, uma certa resistência às normas do patriarca da família. Mocinha, filha do pai do narrador com outra mulher, não tinha valor afetivo para seu progenitor “não representava utilidade. Valor estimativo, de origem pecaminosa. E meu pai tentava convencer os outros de que ela não existia” (IDEM: p.151) Além de ser a primeira mediadora do aprendizado do menino, traça para si um destino diverso daquele reservado às mulheres da época.

“Mocinha bordava palmas e flores, engomava saias, ouvia missas. No romance extenso e amarfanhado travara conhecimento com d. Rufo e Adélia. E transformava Miguel [jovem por quem estava apaixonada] num virtuoso galã. O nosso governo totalitário admitia Adélia e d. Rufo, mas não admitia Miguel. (...) deixando à menina o direito de pensar em vários tipos de histórias, decidiu conservá-la na virgindade. (...) Continuaria a sustentar Mocinha, contanto que ela procedesse direito, vivesse calma, na gaiola e na moral.”<sup>16</sup>grifo nosso

15

IDEM, p. 99.

16

IDEM, p. 153.

Entretanto, a jovem sentia-se muito só e decidira traçar um outro destino para sua vida, indo contra as expectativas do pai que a desprezava. Fora proibida de relacionar-se com Miguel, “Indivíduo importante do lugar”(p.151). Não obstante a proibição, os jovens se entenderam e fugiram.

Mocinha e outras mulheres da família, com toda a dificuldade para a leitura, deliciavam-se com almanaques, publicações religiosas, parábolas, lendas, biografia dos

santos, alegrias do céu e castigos do inferno, que as deixavam esfuziantes, mas também, em contrapartida, as enchia de temor.

O ato de ler ainda era um caminho que as mulheres da época poderiam trilhar para terem contato com o mundo exterior, para evadirem do meio doméstico e repressor. De acordo com M. Perrot, pesquisadora da história do universo feminino,

“(...) as mulheres são, no século XIX, grandes leitoras de romances ricos em figuras femininas de toda a espécie. A leitura, prazer tolerado ou furtivo, foi para muitas mulheres um jeito de se apropriar do mundo, do universo exótico das viagens e do universo erótico dos corações.”<sup>17</sup>

Mais adiante, o pai do menino decide colocá-lo na escola. No imaginário infantil daquela época, a escola tinha uma imagem extremamente negativa, era um lugar onde os adultos massacravam as crianças com castigos severos, insultos e escárnio. Esse retrato tão desagradável da escola ainda era uma herança dos métodos disciplinares implantados pelos religiosos que lecionavam nas casas-grandes e nos rígidos colégios jesuíticos e também dos mestres régios, cujas práticas de ensino eram cunhadas na máxima de que “a letra com sangue entra”, o que remete à utilização de violência física.

Em Buíque, onde residia o narrador, havia duas escolas, uma era pública, cujo diretor era um sujeito taciturno e com longas barbas; a outra era a de dona Maria, particular,  
17

PERROT, Michelle. Mulheres públicas. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 74

senhora casada com seu Antônio Justino, um “quinca”. Não era habilitada para o exercício da profissão ou nas palavras do narrador “não possuía carta”. Segundo a descrição do menino, a escola de d. Maria era vista com bons olhos pelos pais de família; a primeira não lhes passava uma boa impressão.

A escola particular ou doméstica funcionava em casas de família ou na casa dos próprios professores, que, muitas das vezes, dividiam suas tarefas de educadores com atribuições domésticas.

“Enquanto o modelo escolar moderno não foi internalizado, a instrução das primeiras letras era transmitida por aqueles que dominavam alguma habilidade de leitura, escrita, cálculo etc. Era este o caso de Dona Maria, de quem Graciliano afirma que não tinha carta, ou seja, autorização ou nomeação do governo para o exercício do magistério.”<sup>18</sup>

O narrador refere-se ao marido da professora como um “quinca”, um homem sem profissão e afirma que, se D. Maria possuísse “carta”, o esposo perderia “nome e sobrenome”, mas como ela não possuía a autorização do governo para lecionar, Seu Antônio Justino não era de todo “quinca”, isto é um homem despersonalizado; já que ao homem caberia prover a casa e à mulher, cuidar dos filhos, o que, de certo modo, no caso da professora e de seu cônjuge, pode significar uma quebra do padrão patriarcal no que refere aos papéis pré-estabelecidos para os dois sexos no casamento. Assim, D. Maria é a primeira professora escolhida pela família a aparecer na narrativa, além de ser uma mulher, que de alguma maneira, “quebra” os padrões sociais da época porque, de acordo com o livro de memórias, inferimos que ela ajudava a prover a casa ou até mesmo sustentava-a sozinha e, ademais, também nos métodos de ensino e disciplina, tomava uma postura  
18

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; FONTANA, Roseli A. Cação. As mulheres professoras, as meninas leitoras e o menino leitor: a iniciação no universo da escrita no patriarcalismo rural brasileiro. Uma leitura a partir

de Infância, de Graciliano Ramos. Disponível em [www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n63/22593.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n63/22593.pdf)  
Acesso em  
12/12/ 2008.

diferenciada daquela que vigorava nas primeiras décadas do século XX, como veremos mais adiante .

O discurso do narrador acerca de D. Maria tem, como traço principal, a imagem de uma mulher doce, angelical, de gestos suaves, voz mansa, uma pessoa asseada. Nela não havia manifestações de agressividade. “(...) encerrava uma alma infantil. O mundo dela era o nosso mundo, aí vivia farejando pequenos mistérios nas cartilhas”<sup>19</sup> . Cuidava da higiene dos alunos, ouvia-os pacientemente e era a guia das crianças no universo das letras. É comparada a Nossa Senhora, representando para os alunos, uma “grande ave maternal \_ e, ninhada heterogênea, perdíamos, na tepidez e no aconchego, os diferentes instintos de bichos nascidos de ovos diferentes.”<sup>20</sup>

A figura de D. Maria nos remete à outra educadora, Dona Irene, personagem que aparece em Memórias do cárcere (1953), publicação póstuma de Graciliano Ramos. O memorialista admirava o desempenho de Dona Irene, diretora de um Grupo Escolar que realizava seu trabalho de forma humanitária, procurando implementar um projeto de inclusão das crianças pobres na escola.

Em Infância, Dona Maria aparece como aquela que faz o menino penetrar no mundo das letras, com doçura, higiene pessoal e que não utilizava métodos severos e violentos como a palmatória, instrumento disciplinar tão em voga naquela época. Essa experiência muito se distanciava daquela que havia experimentado no seio familiar.

Além de Mocinha e de Dona Maria, outras personagens femininas de Infância, mediaram o aprendizado do narrador: as professoras Dona Maria do Ó e Dona Agnelina. A primeira, “Mulata fosca, robusta em demasia, uma das criaturas mais vigorosas que já vi”<sup>21</sup>, extremamente agressiva e violenta sem motivos, principalmente com a prima do menino, Adelaide. Não dava a devida atenção a todos os alunos. A presença de Dondon “mocinha pálida e misericordiosa”<sup>22</sup> é que dava alento ao menino, pois o ajudava, tomando-lhe as lições, corrigindo-lhe a pronúncia e fazendo por ele as contas. Era uma luz em meio a toda aquela rudeza. A segunda professora era, segundo o narrador, tão ignorante quanto os alunos. Totalmente despreparada para o exercício do magistério e ademais, lecionava em

19 RAMOS, Graciliano. Infância. 28a edição. São Paulo: Record, 1993, p. 111.

20

IDEM, IBIDEM.

21

IDEM, p. 164.

22

IDEM, IBIDEM

meio a trabalhos de costura. Apesar disso, mostrava-se como uma boa contadora de histórias: “Essa professora atrasada possuía raro talento para narrar histórias de Trancoso. (...) Nada me ensinou, mas transmitiu-me afeição às mentiras impressas.”<sup>23</sup>

Há também na narrativa duas meninas, a prima Emília e Laura, a colega de escola. Na primeira personagem, nos deteremos.

No interior do seio familiar do menino, havia uma prima chamada Emília, com quem o menino compartilhava suas aventuras pelas sendas do mundo das letras e também a quem confessava suas dúvidas e dificuldades. Ela era uma referência para quem já havia passado por tantas situações humilhantes e embaraçosas, tanto no meio doméstico quanto no ambiente escolar.

Após uma experiência desastrosa numa noite em que o pai ordena ao menino que leia, em voz alta, este recorre à Emília na vez seguinte. Tinha de provar ao pai que não era maluco, que ainda seria capaz de ler com fluência. Entretanto, no terceiro dia, o pai

desistiu, sem mais nem menos, das noites de leitura. Emília representava, para o narrador, a derradeira chance por meio da qual ele poderia tornar-se um leitor de verdade. A prima inspirava-lhe confiança, era alguém com quem poderia demonstrar suas ignorâncias.

“Emília não era deste mundo. Só se zangou comigo uma vez, no dia em que, tuberculosa, me viu beber água no copo dela. Um anjo.”<sup>24</sup>

Com a ajuda da prima, mesmo vivendo num ambiente hostil, suportando as agressões do pai e seu a autorização dele para as noites de leitura, o menino mergulhou no mundo das letras e dos personagens, interessou-se por certas narrativas. Emília também o incentivou a ler sozinho, embora ele insistisse que seria incapaz de fazê-lo. Mas a prima estava determinada a mudar o destino daquele garoto.

“Emília combateu minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam o céu, percebiam tudo quanto há no céu. (...) Ora, se eles enxergavam coisas tão distantes, por que não conseguiria eu adivinhar a página

23

IDEM, p. 194

24

IDEM, p. 190.

aberta diante de meus olhos? Não distinguia as letras? Não sabia reuni-las e formar palavras?” (pp.190-191)

Desse modo, por intermédio de Emília, o narrador adentrou com prazer no universo das letras. Os impressos não eram mais papéis borrados de tinta preta, mas algo que lhe proporcionava alegria. Longe das punições e das humilhações por que passara, agora havia descoberto um novo mundo. Inicia-se aí uma nova relação com o processo da leitura e o da escrita, uma relação de intimidade que nunca havia experimentado antes. Via-se como os personagens das histórias, sem as intervenções e cobranças do pai e da realidade escolar. Pode isolar-se e mergulhar sozinho no mundo dos sonhos que descobrira graças à intermediação de Emília.

Foi ainda com a prima que procurou Jerônimo Barreto, que era proprietário da maior biblioteca da cidade, para solicitar-lhe o empréstimo de seus livros. Compartilhava também com a prima as suas leituras, mesmo quando discordavam em relação a algo, como por exemplo, com o folheto O menino da mata e seu cão Piloto. Após essa leitura, surge uma discordância: Emília achava que o folheto não poderia ser lido, pois era coisa proibida. Portanto a cumplicidade entre o narrador das memórias e a prima ia além de dependência, como no início do processo, o menino agora conseguia ter suas próprias opiniões e até fazer suas próprias escolhas, desvencilhando-se assim, da influência de Emília. Construía, desse modo, sua autonomia como leitor e como indivíduo.

As personagens, Madalena, Sinhá Vitória, Mocinha, Dona Maria e Emília, dos romances São Bernardo e Vidas secas e do livro de memórias Infância, tendo em vista o contexto de um país, cujo atraso tem como algumas de suas razões o fato de ainda sofrer os efeitos de uma herança colonial e escravista,<sup>25</sup> em que, naturalmente, o papel da mulher, em especial, no início do século XX, década de 1930, era dado como secundário, retringindo-se apenas às tarefas domésticas e conjugais, destacam-se como mulheres, de alguma forma, mexendo-se apenas dentro de seus estreitos limites, intercederam de algum modo na vida dos homens com quem conviviam. As personagens femininas de Graciliano Ramos são

25

SCHWARZ, Roberto. Seqüências brasileiras São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.68. construídas a partir de uma força que emana da sua notória fragilidade. Representam um marco extremamente positivo no processo de conhecimento e de abertura na visão de mundo de seus maridos, alunos e familiares, transformando-lhes conceitos e valores até então arraigados; frutos de uma sociedade patriarcal e autoritária.

ABSTRACT:

This article intends to analyze the feminine characters of the Graciliano Ramos' novels, *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) and the book of memoirs, *Infância* (1945), accosting the fact that this women, that they had constructed with a strong personality, they are mediators in the a new vision of the world – despite them apparent fragility that they show, in their relationship with the characters masculine that surround them.

Keywords: Feminine characteres – new vision of the world – Graciliano Ramos

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philipe. *Sexualidades ocidentais*. 3a edição. Trad.: Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense,1987, pp.154-157.

BULHÕES, Marcelo M. *Literatura em campo minado – a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária*. 1a edição. São Paulo: Annablume:FAPESP, 1999, p. 160

COUTINHO, Carlos Néelson . *Graciliano Ramos*. In BRAYNER, Sônia. *Graciliano Ramos*.São Paulo: Civilização Brasileira, 1965, p. 87.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; FONTANA, Roseli A. Cação. *As mulheres professoras, as meninas leitoras e o menino leitor: a iniciação no universo da escrita no patriarcalismo rural brasileiro*. Uma leitura a partir de *Infância*, de Graciliano Ramos. Disponível em [www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n63/22593.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n63/22593.pdf) Acesso em 12/12/ 2008.

HOLANDA, Lourival. *Sob o signo do silêncio*. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 54.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 74

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 28a edição. São Paulo: Record, 1993, p. 111.

\_\_\_\_\_. *Memórias do cárcere*. 37a edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Volume 1.

\_\_\_\_\_. *São Bernardo*.22a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

\_\_\_\_\_. *Vidas secas*.83a edição. São Paulo: Record,2001

SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.